



SPINOZA: HACKEADOR DOS AFETOS

SPINOZA: HACKER OF AFFECTIONS

SPINOZA: HACKER DE LOS AFECTOS

Juliana Aparecida Jonson Gonçalves¹

RESUMO: Este ensaio trata de uma pesquisa de doutorado fundamentada pela Ética de Spinoza a qual se utiliza do conceito de afeto para discutir o tema da pichação nas cidades como movimento de presença marcante difundido pelo mundo inteiro. O olhar para a pichação do ponto de vista da Ética spinozista, sem uma moral pré-estabelecida, torna este tema mais próximo de um processo criativo e por isso não deve ser ignorado para se pensar uma composição de consciência urbana nas cidades. O corpo e a cidade só se compõem de maneira ativa enquanto estão sob relação de um afeto alegre, portanto imaginar sobre o que se vê nas cidades permite que o pensamento se torne inventivo.

PALAVRAS-CHAVE: Baruch Spinoza. Ética. Afeto. Pichação.

ABSTRACT: This essay is a doctoral research founded by Spinoza's Ethics which uses the concept of affect to discuss the topic of graffiti in cities with strong presence movement spread all over the world. The look for the graffiti from the point of view of Spinoza's Ethics, without a pre-established moral, makes this subject closest to a creative process and therefore should not be ignored for thinking a composition of urban consciousness in the cities. The body and the city only composes of actively while they are in respect of affect of joy, therefore imagine about what you see in the cities allows the thought becomes inventive.

KEYWORDS: Baruch Spinoza. Ethics. Affect. Graffiti.

RESUMEN: Este ensayo es una investigación doctoral fundada por la Ética de Spinoza, que utiliza el concepto de afecto para discutir el tema del graffiti en ciudades como movimiento de fuerte presencia extendido por todo el mundo. La mirada de los graffiti desde el punto de vista de la Ética de Spinoza, sin preestablecido moral, hace que este sujeto más cercano a un proceso creativo y, por tanto, no debe ser ignorado por pensar una composición de la conciencia urbana en las ciudades. El cuerpo y la ciudad sólo se componen de forma activa mientras están en relación con un afecto alegre, por lo que piensan acerca de lo que se ve en las ciudades permite que la pensamiento se vuelva inventiva.

PALABRAS CLAVE: Baruch Spinoza. Ética. Afecto. Graffiti.

Este ensaio é sobre pesquisa de doutorado a ser defendida no campo de estudo sobre Conhecimento, Linguagem, Arte e Educação, e propõe-se iniciar comum a conversa realizada por e-mail com o professor Luis B. L. Orlandi no ano de 2009:

¹ Doutoranda em Educação – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação – SP – Brasil – Projeto realizado com o apoio da CNPq. Doutorado Sanduíche na Universidade de Estrasburgo - França, apoio CAPES. E-mail: juju.ajg@gmail.com.

Recebido em: 30/09/2015 – **Aprovado em:** 22/11/2015.

“Descansávamos após um farto almoço - arroz, feijão com linguiça, farinha, abóbora, frango assado e Coca-Cola - quando um de nós comenta sobre uma teia de aranha no jardim. Na teia estava a grande aranha preta e o dono da casa comentou sobre o que você havia nos explicado no início da aula: de que um inseto ao enroscar em uma teia de aranha faz vibrá-la e isso automaticamente a chama para capturar o inseto.

Mas, o que meu amigo complementou e nos mostrou é que ao jogar na teia qualquer outra coisa que não fosse alimento, por exemplo, uma lasca de casca de árvore, a lasca ao atingir a teia, vibrava, chamava a aranha, mas esta, ao encontrar a lasca, retira-a da teia.”

A lasca na teia afirma mais ou menos a potência da aranha? Levantando algumas hipóteses de não-bióloga, aranha com seu sistema sensorial simplificado, retira a lasca de árvore por ela não ter movimento próprio, não produzir calor, ou seja, por não possuir as conexões que a dona da teia precisa. A lasca da casca despotencializa a teia e consequentemente a aranha, pois a teia que fora ela mesma quem teceu e uma lasca em seu território para preparar ninhos e obter alimentos não serviria para nada mais útil à aranha. Os sentidos da aranha retiram o que para ela não é um afeto ativo, como por exemplo um alimento que tem a função de aumentar sua potência de existir. A potência da aranha aumenta quando há conexão, quando se compõe. Neste caso, se a conexão não foi detectável, não foi conectada, isso faz da pequena lasca jogada na teia uma lasca que não possui conexão com a aranha; automaticamente faz a aranha não se aderir à lasca e então a lasca cai.

Na aula, Orlandi comenta que Spinoza provocava embates entre aranhas, e como é retratado em sua biografia “às vezes desatava a gargalhadas”.

“Esta anedota nos parece autêntica, porque apresenta inúmeras ressonâncias ‘espinosistas’. A luta entre aranhas, ou entre aranha e mosca, poderia fascinar Espinosa por diversas razões: 1º do ponto de vista da exterioridade da morte necessária; 2º do ponto de vista da composição das relações na natureza (como a teia exprime uma relação da aranha com o mundo, que se apropria como tal das relações da mosca); 3º do ponto de vista da relatividade das perfeições (como um estado que marca uma imperfeição do homem, por exemplo a guerra, pode ao contrário testemunhar uma perfeição, se nós a reportamos a outra essência como a do inseto: cf. Carta XIX, para Blyenbergh).” (DELEUZE, 2002, p.18)

Observando estes embates e seu ofício de polir lentes, o filósofo e matemático faz minuciosa descrição dos afetos e as coisas desvendando as relações de poder que os constituem. Pela descrição que Spinoza faz quando sua filosofia é colocada à prática é como se os leitores da *Ética* pudessem experimentar a teia de afetos em que estão enroscados, forçando-os a desatarem-se dos nós e libertarem-se com os afetos de alegria. O matemático apoiando-se na teoria monista de que pensamento e extensão são dois atributos de uma mesma Substância, *Deus sive Natura*, anula a relação de transcendência com os acontecimentos e ao esmiuçar o afeto de alegria até a ação que o faz tecer vida, torna perceptível filosoficamente a imanência entre os corpos.

Descobrimo que o afeto alegre nos corpos é consequência de forças que se compõem entre os corpos, Spinoza faz borrar a dualidade entre bem e mal imposta/colocada por regimes morais das sociedades, pois considerando que a vida se faz pela composição dos

corpos ela então se faz por alegria. O desvelamento de imanência entre pensamento e corpo, logo, deve-se à busca por encontros alegres.

O que diferencia os seres humanos das aranhas, além da quantidade de sentidos e possibilidade de organização e reorganização dos encontros, é a moral. Esta age como pré-julgamento do que é bom e ruim e faz da consciência onde ela se fixa uma intermediária que limita o corpo às crenças e costumes, o que torna muito dos encontros resultarem em afetos confusos, por exemplo uma tristeza disfarçada de alegria.

Não é o afeto de tristeza que compõe, pelo contrário, a tristeza define-se como decomposição ou o afeto que diminui a potência de existir de um ou mais corpos. Na variação do existir um afeto triste prevalece somente por causas externas, e, portanto, é preciso desacobertar quais afetos nelas se misturam para desmitificar tristezas e depurar alegrias.

Afinal que seres humanos têm a capacidade de organizar, construir, inventar e pensar; por isso assim como relatar o decorrido ao professor Orlandi vem alimentar a curiosidade sobre os reflexos da espécie aracnídea, a pesquisa a qual se relaciona este ensaio também fundamentada pela Ética spinozista, vasculha outros escritos que há tempos interferem em outras teias: a pichação.

A aranha, naturalmente desprovida de moral, cria uma linha de fuga para a casca de árvore enquanto, na cidade, quais os afetos e ações que se têm com as pichações nos muros? Considerando que uma cidade pode construir-se coletivamente esta pesquisa analisa o movimento da pichação como suporte para refletir sobre quais variabilidades de afetos este tema compõe uma consciência urbana pelas ruas.

Ao encarar os muros, pichações são linhas que coabitam limites, propriedades, ações invisíveis e declaram-se rabiscos indiscerníveis. Pelo olhar mais distraído, ela é notável no fluxo da cidade devido à insistente presença. São como gritos a cada fachada, a cada porta fechada e em determinados monumentos históricos. Pelo encontro apenas visual, a pichação é um movimento que ocorre no mundo inteiro, portanto difundido, persistente e desgovernado. Do ponto de vista da lei é criminoso, da moral é feio e incompreensível. E do ponto de vista urbano e contemplativo na cidade?

O desgovernamento de tais escritos faz do encontro que se tem com a imagem da pichação um afeto impreciso que demarca onde fracassa o poder e também se abrem linhas de fugas para questionar a política urbana. As letras que territorializam um grupo de pichadores por diferentes lugares também desterritorializam os donos dos muros. A expansão e ilegibilidade a que se propõe a pichação revela sua expressão como potência de complicar, implicar e explicar.

A invenção de caligrafias que se vê nas “agendas” como chamam extensos muros que são assinados por pichadores, faz do encontro com as letras uma organização e reorganização da percepção dos traços. A moral quando prevalece anterior à renovação de uma consciência

urbana pode-se dizer que é precipitada por ignorar o que os corpos de fato interagem na prática e no cotidiano de cidades pichadas. A pichação na rua poderia ser como a lasca para a aranha, mas possui uma potência que permite a fruição poética e estimula a imaginação para se questionar os afetos que se tem com as cidades.

“A utilidade que extraímos das coisas que nos são exteriores, além da experiência e do conhecimento que adquirimos por observá-las, por mudá-las e transformá-las, consiste, principalmente na conservação do corpo. E, por essa razão, são úteis, particularmente, aquelas que podem alimentar e nutrir o corpo de maneira tal que todas as suas partes possam fazer corretamente o seu trabalho. Pois quanto mais o corpo é capaz, de variadas maneiras, de ser afetado pelos corpos exteriores e de afetá-los, tanto mais a mente é capaz de pensar.” (SPINOZA, 2009, p.208-209)

Desde que esteja consciente que o que se imagina sejam expressões provenientes dos afetos de alegria e, portanto, não confusos, quanto mais se imagina mais se está apto a inventar com as condições de conhecimento das superfícies e dos limites de quanto pode um corpo na variação do estado de coisas, fazendo destas imagens serem composição de um pensamento. Um veneno se não há a consciência de que se imagina e não compreende os próprios afetos, “um bem verdadeiro capaz de comunicar-se a todos”²; um antídoto para a percepção de que as coisas não são solucionáveis, tão pouco moldáveis na infinita composição dos encontros e que há sentidos que apenas se traduzem em cor, poesia, música e gesto.

Os corpos em extensão e pensamento são reorganizáveis a cada diferente encontro, por isso formas solucionáveis como de uma moral apenas emperram e sufocam o pensar, inventar, agir. As imagens que seguem uma ética de afetos spinozistas servem para criar sinestésias, romper moldes, variar caminhos e não insurgem de algo que não se possa conhecer. A filosofia que se faz da observação dos encontros desperta sentidos na construção de afetos alegres e permite que políticas urbanas sejam desenvolvidas a fortalecer a vida.

Quando Spinoza conclui a *Ética* e desprega-se a ideia de liberdade humana, o desejo que naturalmente coincide como a conservação do ser, atualiza-se, constitui a sensação e extrai-se como vida.

“A beatitude (glória), que é a virtude em si mesma, se constitui na afirmação da potência de composição e de organização dos corpos no processo de resistência que cada ser opõe ao que pode tirar sua existência.” (GOMES; JUNIOR, 2013, p.43)

² “Na paixão e na servidão, diz Espinosa, os humanos são contrários a si mesmos e contrários uns aos outros, cada qual cobiçando como o maior de todos os bens a posse de um outro humano, pois lemos na Parte IV da *Ética* o desejo passivo mais intenso não é o da posse de bens possuídos por outros, mas o desejo de apropriar-se do outro e tornar-se objeto do desejo do outro. O bem supremo da vida servil exclui os demais de sua fruição, ou, como dizia Espinosa no Tratado Teológico-político, quem julga ser este o sumo bem, não sabe o que é a verdadeira felicidade. Em contrapartida, na ação e na liberdade, os humanos se descobrem como concordantes e, sobretudo, descobrem que sua força para existir e agir aumenta quando existem e agem em comum, de sorte que o bem supremo da vida afetiva e intelectual livre é justamente o que buscava o jovem Espinosa quando, na abertura do Tratado da emenda do intelecto, escreveu: ‘um bem verdadeiro capaz de comunicar-se a todos’” (CHAUÍ, DPA, p.100)

Som, espaço e tempo reconhecidos na cidade permitem descomplicar afetos confusos sem a intenção de reproduzi-los como moldes para uma série de brinquedos perfeitos sem arestas, sem parafusos aparentes, rebarbas e onde tudo se encaixa como a invenção de um crescimento de forças ao infinito para um real inimaginável à consciência. A beatitude não é o que se quer encontrar como fórmula para a educar as ruas, mas é o que o corpo pode sentir na relatividade das perfeições.

“Como diz Michaux, o que basta para as "ideias correntes" não basta para as "ideias vitais" — as que se deve criar. As ideias só são associáveis como imagens, e ordenáveis como abstrações; para atingir o conceito, é preciso que ultrapassemos umas e outras, e que atinjamos o mais rápido possível objetos mentais determináveis como seres reais. E já o que mostravam Espinosa ou Fichte: devemos nos servir de ficções e de abstrações, mas somente na medida necessária para aceder a um plano, onde caminharíamos de ser real em ser real e procederíamos por construção de conceitos. Vimos como este resultado podia ser obtido na medida em que variações se tornavam inseparáveis, segundo zonas de vizinhança ou de indiscernibilidade: elas deixam então de ser associáveis, segundo os caprichos da imaginação, ou discerníveis e ordenáveis segundo as exigências da razão, para formar verdadeiros blocos conceituais.” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p.266)

Como desfecho ao que esta pesquisa se propõe é a duração da imaginação sustentada por afetos alegres que encontra com a contemplação das coisas as conexões de um pensamento, trazendo à tona imagens que implicam no porvir, assim como esclarece Amorim (2014): “Esse aparecimento da imagem são efeitos das diferentes velocidades dos dinamismos que diferenciam e rompem o contínuo único plano da imanência. ”

A frase pichada em um muro pode sincronizar-se a um momento vivido e, portanto, sua importância está em como aproveitar-se da sensação de sintonia com os acontecimentos, para que se realize mais espaços de consciência urbana.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. N-imagens. In: CAMARGO, Maria Rosa; LEITE, César Donizetti Pereira; CHALUB, Laura Noemi (Org.). **Linguagens e imagens: educação e políticas de subjetivação**. Petrópolis: DP et alii, 2014, v. 1, p. 63-73.

CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

GOMES, Livia Godinho Nery; JUNIOR, Nelson da Silva. Experimentação política da amizade a partir da teoria dos afetos de Espinosa. In: **Cadernos Espinosanos**, São Paulo, SP,

n. 28. 2013. Disponível em: < <http://goo.gl/hqa5z6>>. Acesso em: 22 nov. 2015. ISSN 1413-6651.

PAULA, Marcos Ferreira de. **Alegria e felicidade**: a experiência do processo liberador em Espinosa. 2009. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética/Spinoza**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Como citar este documento:

GONÇALVES, Juliana Jonson. Spinoza: Hackeador dos afetos.. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 17, n. 3, dez. 2015. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8641866>>. Acesso em: 15 dez. 2015.
